



jornal da Reconstrução

Ano 1 | nº 1 | São Luiz do Paraitinga | 1ª quinzena / Março de 2010

Como tudo aconteceu

Você sabe por que houve uma enchente tão grande, que destruiu boa parte de São Luiz do Paraitinga e prejudicou a vida de tanta gente?

De acordo com o diretor do Núcleo Santa Virgínia do Parque Estadual da Serra do Mar, engenheiro florestal João Paulo Villani, com base em informações do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), a enchente na virada de 2009 para 2010 foi o resultado de diversos fatores. Os primeiros sinais começaram ainda no último inverno que, ao contrário de anos anteriores, foi muito chuvoso, tanto que à época foram registradas poucas queimadas. E, um fato muito raro, o Rio Paraitinga começou a transbordar ainda no mês de outubro.

Com isso, a terra foi ficando saturada, muito encharcada, não permitindo a absorção de mais água. No final do ano passado, a toda chuva que caía, em vez de uma parte penetrar no solo, todo o volume acabava desaguando no Paraitinga. Em dezembro de 2009, o índice de precipitação de chuvas na região foi de 605 milímetros, quando o normal para o mês varia entre 150 e 200 milímetros. Somente no dia 31 de dezembro choveu 200 milímetros, isto é, em um único dia, caiu mais água do que era esperado para todo o mês de dezembro.

Repare: quando se afirma que choveu 200 milímetros num dia, significa que, no período, caiu o equivalente a 200 litros de água por metro quadrado de terreno.

Causa principal

Mas, qual a principal causa da enchente? João Paulo explica que nessa época do ano é comum vir da Amazônia um conjunto de nuvens muito carregadas de umidade, que após atravessar boa parte do Brasil vão para o mar, passando por cima do Vale do Paraíba e da Serra da Bocaina, onde nasce o Rio Paraitinga.

No entanto, entre os dias 30 e 31 de dezembro, na Baía de Ilha Grande, no

sul do estado do Rio de Janeiro, onde estão as cidades de Angra dos Reis e Paraty, formou-se um ciclone que girava no sentido horário. Os ventos fortes impediram que um dos blocos de nuvens da corrente amazônica fosse para mar, e este ficou estacionado sobre a região do Alto Paraíba, entre o Bairro do Chapéu Grande, em São Luiz do Paraitinga e o distrito de Campos Novos, no município de Cunha.

Com isso, se formou uma área de baixa pressão sobre esse bloco de nuvens, provocando a sua condensação, ou seja, o grande volume de chuvas que prejudicaram também aquelas cidades fluminenses. A de maior intensidade caiu nos rios Jacuí e Jacuizinho, em Cunha, que fazem parte da bacia do Paraitinga. Foi tanta a precipitação de água que na cidade de São Luiz o rio subiu cerca de 12 metros, provocando a maior tragédia da nossa história.

Outras causas

João Paulo acredita que as enchentes do Rio Paraitinga – que começaram a aumentar de intensidade a partir da década de 1960 – têm causas mais remotas, que vão além do grande volume de chuvas e estão ligadas principalmente às atividades econômicas praticadas na região ao longo dos últimos 150 anos.

Uma delas é a compactação do solo, decorrente das pastagens que se formaram no município. Segundo João Paulo, aproximadamente 70% dos pastos na bacia do Rio Paraitinga são mal manejados, utilizando métodos primitivos para o trato do gado, com excesso de animais por hectare, pastagens degradadas e uso regular das queimadas, que têm como consequência o empobrecimento da terra.

Com isso, ao longo do tempo, o solo ficou impermeável, impedindo a penetração da água nas chuvas. Assim, todo volume das chuvas escoou pela superfície do terreno, levando junto os detritos e terras soltas para os riachos, ribeirões e, depois, para o Rio Paraitinga. O leito do rio, então, fica assoreado, isto é, cada vez mais raso e entulhado de detritos, facilitando o

do município, correspondente à bacia do Paraitinga, que vai de Catuçaba ao limite com Taubaté, existem apenas manchas de matas naturais, insuficientes para a proteção do rio – que ainda conta com pouca vegetação ciliar.

Audiência pública

Você poderá ficar sabendo mais sobre esse assunto, com detalhes muito



Chuva em excesso + destruição da mata ciliar + manejo inadequado de pastagens = desastre

transbordamento das águas. É, em resumo, um processo perverso.

João Paulo aponta um outro fator que ajudou a potencializar o desastre: as florestas nativas cobrem uma área muito restrita de cada um dos municípios que formam a bacia do Rio Paraitinga.

No caso de São Luiz do Paraitinga, os números não explicam tudo, uma vez que dos 21,6% de vegetação natural, 70% estão no Parque Estadual da Serra do Mar, onde existem 50% de mata nativa e 20% da chamada zona de amortecimento, que é um entorno de proteção às matas naturais. Portanto, quase todas estão na bacia do Rio Paraitinga, e não do Paraitinga.

Nos 30% que sobram no restante

importantes, numa audiência pública organizada pelo promotor público Manoel Carlos Monteiro, integrante do Grupo de Atuação Especial de Defesa do Meio Ambiente (GAEMA), vinculado ao Ministério Público.

A audiência está prevista para abril, em data ainda a ser confirmada. Será uma oportunidade para que moradores de São Luiz conheçam o que os técnicos das universidades e dos órgãos do governo têm a explicar a partir dos estudos que estão realizando. O que de fato aconteceu, quais as medidas que já estão sendo tomadas para proteger a população, que ações preventivas são necessárias.

Toda a comunidade está convidada a participar.



Inscrições no Projeto Guri

O Projeto Guri está com as inscrições abertas para turmas 2010. O início das aulas será em março, com novos instrumentos doados pela Secretaria de Turismo em parceria com o governo do Estado de São Paulo. A nova sede do Projeto fica em uma casa na Via de Acesso Renato de Aguiar, em frente à antiga usina do Vigor, próximo ao Mangueirão.

AMI São Luiz

Em 10 de janeiro, foi criada a Associação dos Amigos para a Reconstrução e Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de São Luiz do Paraitinga (AMI São Luiz). Sua meta é ter uma atuação fundada no diálogo, na cooperação e na construção coletiva de projetos que contribuam para a recuperação do patrimônio histórico e cultural, material e imaterial de São Luiz do Paraitinga. É a sociedade civil se mobilizando.



Depois das águas

Se alguma vantagem pôde ser obtida a partir do desastre causado pela cheia histórica do Rio Paraitinga, esta foi o reforço do enorme sentimento de solidariedade que sempre caracterizou os moradores de São Luiz. O estrago provocado pelas forças da natureza foi grande, mas não foi maior do que a vontade presente de reconstruir a cidade.

Tão logo as águas baixaram, começou o trabalho de limpeza. A rapidez na desobstrução das casas, dos estabelecimentos comerciais e das ruas foi determinante para que, junto com a tragédia, não viessem também as doenças. Essa atitude, aliás, foi elogiada pela Cruz Vermelha, Secretaria da Saúde e Defesa Civil do Estado: o trabalho bem-feito evitou a ocorrência de epidemias.

Mas a cidade sofreu muito, ainda está machucada. O processo de recuperação e reconstrução será longo, necessariamente complexo, e cabe à comunidade não deixar que ele fique complicado.

A enchente deixou muitos estragos, mas também proporcionou importantes lições. Fez ver a todos que o desenvolvimento de São Luiz do Paraitinga haverá que se dar em bases mais sustentáveis do ponto de vista ambiental, econômico e social. O poder público está atento a isso, mas, o mais importante, é que a sociedade civil organizada também está.

Haveremos de ter uma São Luiz melhor. Esta jóia voltará a brilhar.

Expediente

Editor: Luiz Egypto
Secretária de redação: Ângela Loures
Chefe de Reportagem: Judas Tadeu de Campos
Arte e diagramação: Renata Maria Monteiro
Alunos voluntários: Maria Clara de Carvalho, Vanessa Cunha, Felipe Guerra, Pedro Funchal
Colaboradores: Luciano Dinamarco, Tom Maia

O Jornal da Reconstrução é um projeto de extensão do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Taubaté e órgão informativo da Câmara de Desenvolvimento Sócio-econômico de São Luiz do Paraitinga.

Coordenadores:
Edson Wanderley Alves (UNITAU)
José Xaides de Sampaio Neves (UNESP-Bauru)
Maurício Dellamarco (UNESP-Guaratinguetá)

Jornalista Responsável: Ângela Loures
MTB 173/01/87v DRT-MS

Impressão: Imprensa Oficial
Tiragem: 2.000 exemplares

Conselhos para a reconstrução

A gestão participativa de São Luiz do Paraitinga conta com diversos conselhos, formados por representantes de instituições da sociedade civil e órgãos públicos, que vêm trabalhando voluntariamente para a reconstrução do município, afetado pela enchente do início do ano. A iniciativa da revitalização desses conselhos partiu da Prefeitura, quando se constatou que os documentos referentes aos conselhos institucionais anteriormente existentes foram destruídos pelas águas.

O primeiro a se reorganizar, o Conselho de Planejamento e Desenvolvimento Econômico, instituído por ato da prefeita Ana Lúcia Bilard Sicherle, foi formado pelas pessoas que elaboraram o Plano Diretor da cidade, por representantes da Câmara Municipal e de professores da Universidade de Taubaté (Unitau), Universidade Estadual Paulista (Unesp) e da Universidade de São Paulo (USP).

A finalidade desse conselho é propor medidas emergenciais e elaborar estudos técnicos para o desenvolvimento do município, como forma de contribuir para a solução de problemas sociais causados pela enchente. Busca também fazer um diagnóstico das causas ambientais e climáticas da enchente e avaliar as medidas de proteção a serem tomadas, para o caso de futuras ocorrências. Este grupo, que reunia muita gente, ainda em janeiro foi desdobrado para um novo conselho, o de Meio Ambiente.

O Conselho de Meio Ambiente, com autonomia em relação ao de Planejam-

to e de caráter deliberativo, tem a função ordenar as ações no setor, planejar e emitir licenciamentos, executar projetos e, principalmente, fiscalizar as ações que possam ter impacto ambiental.

Um terceiro conselho, o de Gestão do Patrimônio Cultural, foi criado para estudar os casos de restauração de prédios tombados que foram danificados pela enchente. Incide ainda sobre a reconstrução dos imóveis que ruíram e as reformas e novas construções no entorno e no núcleo histórico

sentantes de organizações não-governamentais, da Câmara Municipal, do Ministério Público e da comunidade.

A assessora de Planejamento municipal, Cristiane Bittencourt de Paiva, ficou encarregada de fazer a coordenação entre esses conselhos, a fim de se evitar lacunas e sobreposição de decisões. Conforme informou Cristiane, o plano é ainda em março ter todos os conselhos institucionalizados à luz da Lei Orgânica do Município, que estimula a prática da gestão democrática,



Canto do Largo da Matriz: desenho em bico de pena de Tom Maia, 1976

tombado pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo) ou em vias de tombamento pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Por essa razão, integrantes desses dois órgãos participam do conselho, que também reúne repre-

aberta a representantes dos diversos setores da comunidade.

Qualquer morador de São Luiz do Paraitinga pode participar das reuniões desses conselhos, que ocorrem semanalmente. A partir de abril as reuniões serão centralizadas no Ceresta (leia matéria abaixo), no sobrado número 22 da Praça da Matriz.

Ceresta de trabalho

A sigla vem bem ao gosto da tradição musical da cidade, que entre tantas manifestações sempre teve lugar para as serestas. Também por isso, Ceresta (Centro de Reconstrução Sustentável de São Luiz do Paraitinga) foi o nome escolhido para o local que logo estará funcionando, aberto ao acompanhamento público, no número 22 da Praça Oswaldo Cruz, no sobrado Dirceu Ivo.

O Ceresta nasceu para ser um centro integrado de trabalho, a juntar órgãos públicos e demais instituições envolvidas na reconstrução da cidade e na aplicação do Plano Diretor do município. É o núcleo onde cada organização poderá trabalhar de forma coordenada, sob os olhos da comunidade. São iniciativas que, se bem geridas, podem ser muito úteis para a cidade. Mas será preciso andar rápido, porque o governo do Estado se comprometeu a bancar o projeto por um ano, apenas. E depois?

Quem estará lá

O Ceresta tem tudo para se converter em exemplo importante das potencialidades do trabalho colaborativo. Estarão ali a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Estadual

de São Paulo (Unesp) e a Universidade de Taubaté (Unitau). Desde os momentos mais críticos, essas instituições cederam professores, técnicos e estagiários de diversas áreas para trabalhar em parceria com os órgãos públicos locais na tarefa da reconstrução.

O espaço será dividido também com o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (CDHU), responsável pela construção de 150 moradias populares. "Até abril deverão ser entregues as 18 primeiras unidades", informa a prefeita Ana Lúcia Billard Sicherle.

No Ceresta haverá lugar para a Defesa Civil, responsável por ações preventivas, de assistência e fiscalização, para evitar ou minimizar danos causados por calamidades. O prédio abrigará ainda o programa de inclusão digital ACESSA São Paulo e a Assessoria de Planejamento da Prefeitura.



Na próxima edição

** As preocupações da prefeita - entrevista com Ana Lúcia Billard Sicherle

** Como reconstruir seu imóvel - a atuação do Condephaat e do Iphan

** Os anjos e os heróis do rafting

Histórias de superação no comércio

São Luiz do Paraitinga transformou-se em um grande canteiro de obras, com homens, mulheres e máquinas trabalhando por todos os lados, suando a camisa e buscando retirar dos escombros algo mais do que entulho. A cidade está bem limpa, se comparada ao caos dos primeiros dias, quando tudo estava tomado pelo lixo. As ruas agora estão desobstruídas e o comércio, aos poucos, vai retomando fôlego e começa a abrir suas portas.

Ainda há muito o que fazer, mas os trabalhos de limpeza ganharam ritmo (veja matéria na pág. 4) e o ambiente hoje é bem mais agradável do que no início de janeiro, no ápice da tragédia. Restou a marca escura deixada pela água nas paredes dos antigos casarões da Praça da Matriz. Parecem uma cicatriz a lembrar, a todo o momento, o quanto o ser humano é vulnerável diante da assustadora força na natureza.

Mas há algo mais em São Luiz do que os escombros e as memórias do desastre – algo que se sente no ar, nos olhos de cada cidadão e cidadã. Persiste um lampejo de esperança, uma esperança guerreira que parece não querer esperar pela vontade do destino.

Um senhor atarefado passa ligeiro pela calçada da Praça Oswaldo Cruz e entra por uma porta sob o letreiro “Papelaria do Peixinho”. No interior do estabelecimento, duas mulheres conversam com ele, que agora trabalha com uma furadeira. A papelaria voltou à ativa e já tem o que oferecer aos seus clientes: lápis, canetas, cadernos, cola, papel sulfite, material escolar, brinquedos...

Antônio Augusto, que prefere ser chamado de Peixinho, conta que sua papelaria existe há 17 anos na parte inferior do antigo casarão da família. Na enchente, a água cobriu o batente da janela do segundo andar. Como

perdeu o material estocado para o retorno às aulas, ele calcula um prejuízo em torno de R\$ 150 mil.

Peixinho mostra os danos sofridos pelo casarão de paredes de taipa, principalmente na face lateral, violentamente atingida pelo desabamento de uma das torres da igreja Matriz, que fica ao lado. Ele reclama da burocracia para poder iniciar as reformas, mas prefere falar do seu negócio. Gastou dinheiro da poupança com a limpeza e pintura da loja, além da compra de produtos para oferecer nas prateleiras.

Mais adiante, nos Quatro Cantos, a esquina mais famosa da cidade (Coro-

da família vem passando de geração em geração desde 1941.

Edson Anacleto, também herdeiro gerações de comerciantes, gosta de tratar todos os seus clientes pelo nome. Ele tem uma banca de verduras e um açougue no Mercado Municipal, além de duas mercearias na cidade. O estabelecimento em que marca ponto todos os dias, em frente ao Mercado, já está limpo, pintado e cheio de produtos para vender.

Anacleto só para de sorrir quando lembra do desespero que foi correr com a família para fugir das águas, e deixar tudo para trás. Mas logo se anima ao contar que, apesar de ter per-



O comércio retoma suas atividades: a roda da economia começa a girar

nel Domingues de Castro com Monseñor Ignácio Gióia), a Padaria São Luiz funciona em ritmo acelerado. Raquel de Campos Fernandes, a proprietária, sorri ao contar que a sua foi a primeira padaria a reabrir na cidade, graças a muito esforço de sua equipe e a boa vontade de fornecedores, que esticaram os prazos de pagamento. “Voltamos a funcionar no dia 12 de fevereiro”, diz, orgulhosa. O estabelecimento

dido tudo, conseguiu reerguer o negócio com a ajuda de seus funcionários: fizeram um mutirão, limpam tudo, reformaram o forro, rebocaram as paredes e restauraram prateleiras.

Assim se recupera a economia de uma cidade: com vontade, tijolo por tijolo, negócio por negócio – cada história é uma história de superação. “A gente tem que seguir em frente”, diz Anacleto. Ele está certo.

Do desastre ao recomeço

Gabriela Mendonça lembra de sua cachorrinha “Sacha”, que quase morreu afogada: “Na hora do desespero, a primeira coisa que tirei da casa foi a Sacha. Quando fomos para o abrigo ela ficou com febre, porque não se adaptava e sentia saudades da casa que desabou”.

O local que faz as distribuições de roupas ficou conhecido pelos moradores como “Shopping Enchente”.

“Vamos priorizar quem mais precisa de ajuda”

Apesar das brincadeiras, a população reconhece a gravidade da situação e apóia como pode aqueles que mais necessitam. No entanto, apesar das muitas doações recebidas, ainda faltam cobertores, roupas de cama, pa-



Os serviços bancários

Os bancos que operam em São Luiz oferecem planos de financiamento, empréstimos e parcelamento de dívidas em condições especiais. Confira:

Banco do Brasil – Oferece refinanciamento de dívidas com até seis meses de carência. Há financiamento na área de turismo com carência de dois anos e com taxa de juros de 0,72 ao mês. Está localizado na Av. Celestino Campos Coelho, ao lado do posto de gasolina. Atende nos dias úteis, 9h às 16h. Dispõe de máquinas de auto-atendimento. Telefone 3671-1662

Banco Santander – Dispõe de um plano de crédito consignado específico para funcionários da Prefeitura, com taxa especial e pagamento em até 94 meses. O banco atende em uma agência móvel na Av. Celestino Campos Coelho, ao lado da Caixa Econômica, de segunda a sexta, entre 10h e 15h. O auto-atendimento funciona das 6h às 22h. Telefones (12) 9781-6385 e 9781-1869

Caixa Econômica Federal – Oferece planos de financiamento para pessoas físicas e jurídicas. Para retirar o Fundo de Garantia, o interessado deve comparecer à agência com um comprovante de endereço postado antes de janeiro de 2010. O banco atende em uma agência móvel, na Av. Celestino Campos Coelho, em frente ao número 502, de segunda a sexta, de 9h às 16h. Telefone 3671-1748

Banco do Povo – Empréstava valores entre R\$ 200 e R\$ 7.500, com taxa de juros de 0,7% ao mês, podendo ser pago em até 36 meses, com carências de 180 dias. Atende provisoriamente às quintas-feiras, em período integral, na Casa de Oswaldo Cruz. Telefone (11) 7304-0506

nos de prato e roupas de inverno, que poderão ser encaminhados mediante contato pelo telefone (12) 9147 8457 – falar com a Cristina Rodrigues de Toledo, assessora de Promoção Social.

Os moradores que ainda precisarem de cestas básicas, produtos de limpeza e de higiene pessoal deverão se cadastrar na Casa de Oswaldo Cruz, levando os comprovantes de endereço, renda, carteira de trabalho e RG de todos da família. O atendimento é realizado às segundas-feiras, de manhã e à tarde, e nas quartas-feiras, no período da manhã.

Vinte senhas são distribuídas por período, e os cadastrados são selecionados de acordo com a renda familiar. Segundo Cristina, “as doações estão diminuindo e a gente quer dar preferência para as pessoas que perderam a casa e para os desempregados. Estamos promovendo uma reavaliação de forma a priorizar as pessoas que mais precisam de ajuda”, acentuou.

O mutirão da limpeza

O trabalho de remoção dos entulhos nas ruas de São Luiz do Paraitinga foi fruto do empenho dos funcionários do município, da comunidade e de voluntários. Logo que as águas começaram a baixar, o lixo se amontoou em vários pontos da cidade, impedindo a

perto esse trabalho de manipulação, transporte e descarte de alimentos estragados, impróprios para o consumo.

A cidade foi tomada por um mutirão de pás e caçambas. Um dos bairros mais atingidos pela enchente foi a Várzea dos Passarinhos. Ali também as equipes de

pamentos, caminhões e trabalhadores para atuarem no grande mutirão.

Aterro sanitário

O fiscal municipal Ederaldo Luiz de Oliveira, que liderou as frentes de trabalho, afirma que fazer a limpeza urbana foi uma tarefa árdua e coletiva: “Não foi o esforço apenas dos funcionários. O luizense também colaborou com a limpeza de nossas ruas”.

A cada dia de trabalho, o trauma ia ficando mais distante. Embora todos saibam que as marcas profundas vão permanecer, a rotina da cidade aos poucos está sendo retomada.

Ederaldo teve a casa em que vivia com a mãe e o irmão invadida pelas águas. Restou-lhe apenas a roupa do corpo e a responsabilidade de restabelecer o asseio da cidade. “Foi difícil ver tudo o que construímos virar um amontoado”, afirma. O jeito foi apostar no trabalho coletivo “em favor de todos”.

O fato de Ederaldo conhecer bem a cidade foi decisivo para a montagem da logística de remoção dos entulhos. E deu certo. Pouco mais de três semanas depois do início dos trabalhos, pessoas e carros já transitavam nas principais vias do município.

O aterro sanitário no Bairro do Morro Acima fica a quase 10 quilômetros do centro urbano de São Luiz. Na estrada de chão batido, os caminhões chegaram a fazer 60 viagens diárias.

Solidariedade

Enquanto o lixo e o entulho eram retirados das casas e comércios, funcionários da Defesa Civil atuavam na preservação dos imóveis que precisavam

de análise mais pormenorizada, pois poderiam estar com suas estruturas comprometidas. Técnicos envolvidos no trabalho garantem que mesmo sendo em caráter de emergência, as ações foram planejadas para a segurança da população e a integridade da arquitetura local.

Reinaldo Campos, funcionário da Prefeitura de Limeira (SP), conta que quando recebeu a notícia de que viria para São Luiz integrar o grupo de auxílio na limpeza das ruas, não imaginava a realidade em que a cidade vivia. “Cheguei aqui e vi um tremendo caos, era entulho por toda parte. O trabalho foi duro, mas hoje vemos o resultado de nosso esforço. Quando, nas ruas, vejo o povo circulando livremente, me orgulho e sei que contribuí para isso.”

Luiz Fernando dos Santos, que é luizense mas deixou a cidade ainda na infância, diz que antes de se tornar funcionário municipal, em Caçapava, cortou as estradas do Brasil como motorista de caminhão. No início de janeiro, Luiz Fernando foi chamado à sala do diretor de obras e recebeu a notícia de que voltaria a São Luiz do Paraitinga, desta vez para ajudar nos trabalhos de limpeza. Longe de cidade natal havia tempo, Luiz diz que nesta empreitada fez muitos amigos. “Aqui mora uma gente trabalhadora que batalha pela restauração da cidade”, diz.

Pouco a pouco, as ruas de São Luiz retomam a normalidade. “Hoje restam apenas alguns pontos isolados com entulho”, confirma o Ederaldo.

A importância do bom trabalho da limpeza pode ser medido por um fato relevante: as epidemias foram prevenidas. Houve apenas cinco casos de leptospirose no município, logo controlados.



foto: Maria Clara de Carvalho

O rápido trabalho de limpeza evitou a ocorrência de epidemias no município

circulação de pedestres e de veículos.

Cerca de 100 pessoas trabalharam diariamente na desobstrução das vias e na destinação do entulho. Escombros das casas e dos locais de comércio, móveis e utensílios, eletrodomésticos, madeira, tijolo e alimentos formavam enormes montanhas de lixo. As primeiras ações de limpeza foram realizadas nos açougues e supermercados, que armazenavam quantidades importantes de produtos perecíveis. Profissionais da Vigilância Sanitária acompanharam de

limpeza demonstraram força e boa vontade. O objetivo comum era ver a cidade livre da destruição deixada pela água.

Com a limpeza das casas e o aumento do volume de lixo, as equipes passaram a estender o horário de trabalho até o anoitecer. Beneficiados pelo horário de verão, 14 caminhões operavam na condução do entulho até o aterro sanitário da cidade. Prefeituras de municípios vizinhos, como Roseira, Tremembé e Caçapava, além de Taubaté e São José dos Campos, cederam equi-

Zona rural retoma a produção

Legumes, frutas e verduras produzidos na zona rural de São Luiz do Paraitinga já estão chegando às quitandas e feiras da cidade. Isso mostra a eficácia do trabalho de recuperação das plantações empreendido pelos produtores. Desde o final de 2009 a área rural vinha sofrendo com o aumento fora do comum das chuvas. Com a enchente que atingiu todo o município, agravou-se ainda mais a situação, mas isso não desanimou os produtores, que continuam a ir à cidade para vender os seus produtos.

Trechos como a estrada para os bairros de Santa Cruz do Rio Abaixo e para o Bom Retiro foram afetados por pelo menos duas fortes inundações em 2009, além da ocorrida no início de 2010. Importantes estradas vicinais do município acompanham o curso Rio Paraitinga, do Rio do Chapéu ou de algum córrego, e ali o estrago foi grande em razão das enchentes.

O diretor de Agricultura e Abastecimento do município, Donizete José Galhardo, explica que cerca de 30

pontes precisaram de serviços emergenciais para ser liberadas. “São pontes de diversos tamanhos, incluindo uma sobre o Rio Paraitinga, na estrada do Rio Acima, com custo maior de manutenção”, explicou.

Sobre os deslizamentos de terra, o coordenador da Defesa Civil no município, José Carlos Luzia Rodrigues, informa que “não há um número exato, mas estima-se que tenham ocorrido 50 deslizamentos pelas estradas. Igual ao serviço nas pontes, houve trabalho emergencial para desobstruir as passagens e permitir a retirada das famílias”.

Semente e energia

Donizete informa que, além da equipe da Prefeitura, o governo do Estado contratou um grupo da Codasp (Companhia de Desenvolvimento Agrícola de São Paulo), que conta com equipamentos pesados, tratores e retro-escavadeiras que podem acelerar os trabalhos de desobstrução e recuperação das estradas: “Temos 25 pessoas trabalhando para liberar as estradas o quanto antes”, disse.

As chuvas que têm atingido o município trazem problemas para o restauro de estradas e pontes. Embora estejam liberadas ao tráfego, o serviço de melhoria dos trechos ainda não se completou em razão das chuvas frequentes.

O comerciante Rogério Lenze, dono de um açougue no Mercado Municipal, explicou que tem sido difícil dirigir até sua propriedade rural. “O sítio é afastado, no Bairro da Barra, e o excesso de chuva está tornando mais difícil chegar lá, devido aos problemas na estrada.”

Afora as mais de 50 casas inundadas na zona rural, Donizete avalia que “as principais perdas, além das casas, foram dos produtores de leite, que não puderam transportá-lo, e dos cultivadores de milho, que tiveram grande área de plantação afetada”.

A artesã Adriana Vieira, que está vivendo provisoriamente em seu ponto comercial, explicou que, apesar de ter perdido grande parte de sua plantação de frutas, é animador o fato de sua casa – localizada na Várzea dos Passarinhos – não ter caído. “A água subiu seis me-

tros acima do telhado da minha casa e fico feliz de ela continuar inteira, já que a Várzea dos Passarinhos é o primeiro lugar a ser atingido quando há enchentes.” Apesar de tudo, Adriana pensa em voltar: “Eu e meu marido não voltamos ainda, porque vamos reforçar a estrutura da casa para voltar”.

Paulatinamente vão se normalizando os serviços de energia e o abastecimento de água potável das propriedades inundadas. Segundo Donizete, “quase todas as famílias voltaram para casa e estão trabalhando”. A zona rural não quis saber de parar.



Recuperar estradas vicinais: uma prioridade

foto: Felipe Guerra